
Duas poesias prosaicas seguidas de uma prosa poética

*Murilo Duarte Costa Corrêa**

Pour une anatomie de la jouissance

gozo

palavra marcada,
mascarada.
máscara por cair: g,
pendurada.
dois olhos
ou dois seios
o o
e, no meio,
intermezzo:
z,
a costura que fiz

gozo

a palavra irrepitível
gozo novo
e inservível
como um giz:
despedaça
enquanto traça,
enquanto laça
o que eu não quis

gozo

que tanto queria
o que haverá depois
de ti
pois de ti
só desejo o depois
nesses braços
largos, porém fartos,
de nós dois

* Advogado. Mestrando em Filosofia e Teoria do Direito no Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC). Graduado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná (FD/UFPR).

Canção à mulher amada

É por essa mulher que me apaixono.
 Essa, cuja imagem turva se reflete no fundo do copo;
 Essa, cujo corpo se delicia na dor e no ocaso,
 Como sua mais tênue forma de existir.
 Essa que não cria altares para esconder seu púbis ou sua fronte.
 Essa mulher que me abre o peito
 Tem um corpo que navega num mar de solidão
 Ela se sente só
 Porque minha companhia está sempre presente.
 Não vou dizer que quando minhas pegadas sumiram
 Te carregava no colo
 Vou dizer que me ausentei
 Para poder mergulhar em mim
 E, no fundo de nós dois,
 Ir procurar essa mulher que amo.
 Mulher cujos seios me acalentam a face
 - Até que eu adormeça.
 Mulher que explode de paixão e dor,
 Porque se sabe feita para elas.
 Ai, você, mulher de mil faces,
 Quanto tempo passamos em tua companhia?
 Eu, com meu sabujo, com minha caça,
 Com minhas coisas, e pensamentos extraviados.
 Querer o nada: a mulher que ainda deseja o querer
 – e apenas como forma de seguir desejando.
 Ela maldiz a vida, essa mulher?
 Sim. Apenas porque uma parte dela ainda refuga sob a água.
 Mas já vejo ali desabotoando,
 Como uma flor que resistiu ao inverno:
 seus seios, seu dorso, sua fronte séria e amável
 – como, aliás, são todas as coisas dessa mulher,
 Como sua alegria é seria e amável,
 Como sérias e amáveis serão suas crias.
 E vejo – logo ela estará inteira,
 Com pernas e braços e abdômen povoando a terra.
 Eis você, mulher que eu amo,
 Cujo reflexo enegrecido
 Não passa da nódoa amarga da mulher que és,
 E que bendiz a vida,
 E que afaga o campo,
 E que adormece com a terra.
 Ai, mulher que eu amo.
 Me corta o coração a tua ausência submersa e submarina.

Mas, ainda assim, o tomo nas mãos,
O arrebento, o despedaço;
– vou preparando o jantar
Para quando tu chegares
A meu paço
Para descansar,
Mulher que amo,
Entre estes braços.

Escritura de si e do mundo

“Vou escrever”. Não, não. Simplesmente “escrever”, sem “vou”. Porque em “vou” tem eu, e eu é indesejável quando se escreve. Eu se mete em tudo, tropeça, corre, chora, fuça todos os vãozinho das letras na folha; passa pelas palavras atordoado, perguntando “isso aí que você escreveu, é comigo?”. Eu só atrapalha a escritura, o gesto, o blanchotianismo da *mão que escreve*. Eu só dá desgosto. Quem escreve é a mão, é a prova da escritura; para escrever, a mão ata o pescoço do eu, aperta, sufoca, segura, não deixa respirar – e, por uns instantes, tão necessários, tão essenciais à escrita, eu morre. Fica só o impessoal, só aquele espaço em que não digo, e sobre o qual não posso dizer “sou eu, é meu”. Escritura é mundo, é sem domínio. A mão que pode ser a sua, traçando o corpo nas letras; aliás, poesia erótica é isso, não? Desenhar uma silhueta de mulher sem traçar uma linha sequer. Quando se consegue isso, então é febre, é festa, é gozo, é desterro, é dissolução. De escrever também faz parte nutrir-se, lavar-se, pentear-se, preparar-se para o amor. Aquela silhueta, mais atrás, deixou cair seu eu quando tirou as roupas para o poema – claro, na escrita também se fica nu. Escrever seria, então, um modo de exibicionismo? Para alguns; escritores medíocres – a todo momento, querem fazer aparecer seu eu por cima da escrita. Para os bons escritores, contudo, é uma forma de erotismo, um modo do *em-dois*, uma maneira de fazer o mundo e a vida passarem inteiros por si, rasgando o sujeito que diziam ser. É a constituição de um outro, é uma despedida de eu e a abertura de um alhures. A escritura de si é também uma escritura do mundo, porque si não se confunde com eu. “Eu” poda. Si faz germinar; faz infiltrar hastezinhas terra adentro. Si deixa a terra, as larvas, os vermezinhas virem à luz para acarinhar nossos pés, para lambar as pedrinhas e banharem-se na chuva. Escrever é uma das coisas mais baixas que existem. Manoel de Barros o sabe muito bem, sabe que escrever e rastejar são verbos irmãos, que comungam do gosto, da umidade da terra; *escritor*, ele parece dizer-nos, *é preciso largar a caneta, pegar do barro, é preciso ser uma larva...* É viver, deixar viver – embora sempre quando se escreve, eu morra.